

Mediação da informação no hibridismo contemporâneo: um breve estado da arte

Brasilina Passarelli

Livre docente pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) - São Paulo,

SP - Brasil. Pós-doutorado pela Universidad Carlos III de Madrid (UC3M) - Espanha.

Professora da Universidade de São Paulo, Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/8136525601831162>

E-mail: linapassarelli2@gmail.com

Recebido em: 15/08/2014. Aprovado em: 05/04/2015. Publicado em: 19/02/2016.

RESUMO

O artigo apresenta breve estado da arte considerando a evolução do conceito de mediação na comunicação a partir dos anos 1970, e sua evolução até o contemporâneo hiperconectado que hoje vivenciamos. Organiza-se em quatro eixos temáticos: na introdução, caracteriza-se a sociedade contemporânea hiperconectada a partir de sua experiência e projetos de pesquisa; Em seguida, o conceito de mediação é trazido à discussão através de pensadores e teóricos das ciências da comunicação e da informação. Depois, apresentam-se os aspectos de ética e filosofia da informação ao mesmo tempo que se aponta a urgente necessidade de reconfiguração das relações sociais numa sociedade hiperconectada. O último dos eixos temáticos é protagonizado pela iniciativa europeia de caráter político-social com o 1st *Forum on Media and Information Literacy*, promovido, em maio de 2014, pela Comissão Europeia em parceria com a Unesco e co-organizado pelo Projeto Emedus e o Gabinete de Comunicación y Educación da Universidade Aberta de Barcelona. Esses autores, suas teorias e o coletivo das iniciativas citadas ajudam a construir um panorama consistente e diversificado para entender a mediação como um processo complexo, crescente e contínuo na comunicação homem-homem, homem-máquina e máquina-máquina.

Palavras-chave: Mediação da informação. Ética da informação. Filosofia da informação. Interface homem-máquina. Narrativa transmídia.

Information mediation in contemporary hybridity: state of the art's overview

ABSTRACT

This paper presents an overview state of the art considering the evolution of mediation's concept in communication, from the 1970s of the last century, and its evolution to the hyper current days we experience now. It's organized in four themes: the introduction characterizes the contemporary hyper society from its experience and research projects; next, the concept of mediation is discussed through thinkers and theorists of communication and information sciences. Then, the aspects of information ethics and philosophy are presented and at the same time it indicates the urgent need for social relations reconfiguration in a hyper society. The last of the themes is played by the European initiative, of political and social characteristic, with the 1st Forum on Media and Information Literacy promoted by the European Commission in May 2014, in partnership with UNESCO and co-organized by EMEDUS Project and the Office of Comunicación y Educación of the Open University of Barcelona. These authors, their theories and the collective of initiatives help build a consistent and diversified panorama to understand mediation as a complex, increasing and continuous process in man-man, human-machine and machine-machine communication.

Keywords: *Mediation of information. Information ethics. Philosophy of information. Man-machine interface. Transmedia narrative.*

Mediación de la información en el hibridismo contemporáneo: un breve estado del arte

RESUMEN

Este trabajo presenta un breve estado del arte considerando la evolución del concepto de mediación en la comunicación, desde los años 70 del siglo pasado, y su evolución al mundo hiperconectado de hoy. Está organizado en cuatro temas: la introducción caracteriza la sociedad hiperconectada contemporánea, a partir de su experiencia y proyectos de investigación; en seguida, el concepto de mediación es discutido a través de los pensadores y teóricos de las ciencias de la comunicación e información. Entonces, los aspectos éticos y filosóficos de la información son presentados, al mismo tiempo en que indica la necesidad urgente de una reconfiguración de las relaciones sociales

en la sociedad hiperconectada. El último tema es protagonizado por la iniciativa europea de cuño político y social con el 1st Forum on Media and Information Literacy, promovido en mayo de 2014 por la Comisión Europea en conjunto con Unesco y coorganizado por el Proyecto EMEDUS y el Gabinete de Comunicación y Educación de la Universidad Abierta de Barcelona. Esos autores, sus teorías el colectivo de las iniciativas citadas ayudan a construir un panorama consistente y diversificado para comprender la mediación como un proceso complejo, creciente y continuo en la comunicación hombre-hombre, hombre-máquina y máquina-máquina.

Palabras clave: *Mediación de la información. Ética de la información. Filosofía de la información. Interfaz hombre-máquina. Narrativa transmedia.*

INTRODUÇÃO

“O futuro já chegou. Só não está distribuído de forma equilibrada”

William Gibson

Em tempos de hiperconectividade (ou conectividade contínua), da Internet das Coisas, das roupas e utensílios inteligentes e do *Big Data* vivenciamos a reconfiguração das relações sociais e suas estruturas de poder, da economia e da educação num fluxo e refluxo contínuo das interfaces de mediação da informação e da comunicação. Assim, nessa cultura do remix, novas lógicas, novas semânticas e novas leis emergem para dar conta da nova ordem social que se constitui e se organiza nas interfaces (tanto homem/máquina como máquina/máquina) como superfícies de mediação das relações sociais no fluxo crescente da comunicação dos atores em rede.

Nesse caldo de hiperconectividade também emerge novo conjunto de habilidades e/ou competências construídas a reboque do uso de diferentes tecnologias digitais também chamadas de “literacias digitais” e/ou *media literacy*, refletindo uma realidade comunicacional que não mais comporta o processo de comunicação de massa reduzido à dualidade emissor-receptor do século passado. O novo século traz em seu DNA o conceito de “nova economia” que pressupõe novos modelos de negócios, a reciprocidade das ações comunicacionais e o hibridismo dos meios de comunicação de massa tradicionais, como TV, cinema, rádio e mídia impressa com seu mais novo irmão – a mídia digital ou *new media*.

O cenário por mim desenhado na introdução converge com as colocações do sociólogo Derrick de Kerckhove, em palestra no Instituto de Estudos Avançados da

USP em 2013, acerca da centralidade da tecnologia na vida contemporânea¹. Discípulo do teórico canadense Marshal McLuhan (1911-1980), Kerckhove é considerado um dos mais importantes estudiosos das relações entre tecnologias digitais e sociedade. É professor da University of Toronto, onde dirigiu por mais de 20 anos o Programa McLuhan em Cultura e Tecnologia. Para ele, na transposição para a sociedade tecnológica contemporânea, o conceito do *totemismo* se traduz em um *continuum* entre a mente humana e a máquina, cujo resultado é uma profunda e decisiva alteração nas formas como se constituem e se constroem as novas identidades, sociabilidades e sensibilidades dos indivíduos na atualidade. *Self* e redes digitais se interpenetram e se criam em relações de mútua interdependência; máquinas e tecnologias tornam-se extensões do corpo; identidades eletrônicas e avatares circulam no ciberespaço constituindo novas formas de habitar e de existir no mundo, e a internet torna-se via estruturante da produção, circulação e compartilhamento das expressões, emoções e da própria ação social. (PASSARELLI, 2014)

Como pesquisadora e coordenadora de projetos de pesquisa-ação sobre inclusão digital em ambientes de educação formal e não formal, reconheço duas “ondas” na introdução da Internet no Brasil.

Na primeira “onda”, ocorrida a partir dos anos 2000, quando a Internet comercial começa a ser

¹Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/derrick-de-kerckhove>.

ofertada de forma massiva no contexto brasileiro, as atenções se voltaram majoritariamente às políticas de acesso e fornecimento de infraestrutura para a mitigação dos fenômenos da exclusão digital e para a conquista da cidadania visando prioritariamente a população de baixa renda. A segunda “onda”, intensificada a partir de 2006, veio como decorrência do acúmulo de experiências e de informações advindas das iniciativas públicas e privadas setoriais, as quais criaram as fundações para a necessidade da adoção de novos enfoques e perspectivas de investigação. Estes surgiram preocupados com a reflexão sobre a realidade da apropriação cotidiana das novas tecnologias e na construção de identidades e narrativas pelos atores em rede, em diferentes realidades sócio-históricas e culturais e que desembocam na adoção do conceito de literacias digitais e/ou *media literacy* para qualificar as novas competências de comunicação, busca de informações e produção de conhecimento dos atores conectados.

No contexto da pesquisa empírica, quando assumi a coordenação científica da Escola do Futuro – USP, instituí, em 2007, o Observatório da Cultura Digital como *locus* destinado ao desenvolvimento de estudos empíricos e teórico-epistemológicos sobre a sociedade em rede, integrado por pesquisadores da USP, de outras instituições brasileiras de ensino e pesquisa e por pesquisadores de instituições europeias e americanas com as quais temos convênios acadêmicos assinados. Estas pesquisas têm como objeto tanto observar e descrever as conexões que estruturam as tramas da rede, quanto analisar seus flexíveis eixos sociais, técnicos e sociotécnicos, refutando uma noção determinista do processo privilegiando a utilização de métodos da etnografia virtual e da netnografia (KOZINETS, 2002). A produção acadêmica do Observatório da Cultura Digital contempla duas coletâneas internacionais publicadas pela Senac-SP editor; duas pesquisas inovadoras sobre o comportamento de crianças e jovens brasileiros no uso de computadores e do celular realizadas em parceria com o Ibope e financiados pela Fundação Telefônica Vivo, além de artigos em periódicos nacionais e internacionais indexados.

Literacias e mediação são conceitos indissociáveis. Tais afirmações podem ser reforçadas através de um pequeno estado da arte apresentado a seguir, considerando a evolução do conceito de mediação na comunicação a partir dos anos 70 do século passado e sua evolução até o contemporâneo hiperconectado que hoje vivenciamos. A apropriação seletiva dos autores escolhidos erige uma sinfonia polifônica a partir de vozes de pensadores da ciência da comunicação e da informação, da filosofia da informação bem como de iniciativas de caráter político-social, como é o caso do 1st Forum on Media and Information Literacy, promovido, em maio de 2014, pela Comissão Europeia em parceria com a Unesco e co-organizada pelo Projeto Emedus e o Gabinete de Comunicación y Educación da Universidade Aberta de Barcelona. Esses autores, suas teorias e o coletivo das iniciativas citadas ajudam a construir um panorama consistente e diversificado para entender a mediação como um processo complexo e fundamental da comunicação homem/homem, homem/máquina e máquina/máquina.

A MEDIAÇÃO E SEUS ENFOQUES: DOS ANOS 70 DO SÉCULO PASSADO À CONECTIVIDADE CONTÍNUA DOS DIAS ATUAIS

Leah A. Lievrouw professora do Department of Information Studies, University of California, Los Angeles, é editora, juntamente com Sonia Livingstone da London School of Economics, de uma obra em 4 volumes intitulada *New Media* (2009), na qual onde apresentam rico material cobrindo os aspectos histórico, econômico, social e comportamental a reboque do surgimento e desenvolvimento dos *new media*. Leah em especial estuda o conceito de mediação na comunicação buscando suas origens na década de 1970. Em seu trabalho sobre a mediação e as mídias digitais – também conhecidas como *new media* – sugere que o conceito de mediação foi utilizado como uma ponte entre duas tradições desde os primeiros tempos dos estudos de *new media* nas décadas de 1970 e 1980, tendo sido mais elaborado a partir dos anos 90. Considera que o conceito de mediação oferece

uma plataforma segura para enfrentar os desafios conceituais trazidos pelas práticas comunicativas, as tecnologias e os arranjos sociais, classificando-os de inseparáveis e mutuamente determinantes no processo comunicacional.

Leah argumenta que alguns pensadores, no início, abordavam as mídias digitais como canais adicionais das mídias tradicionais, como a TV, rádio, cinema e mídia impressa. Assim, esses autores atribuíam às mídias digitais as mesmas características de reprodutibilidade de massa, ignorando o caráter participatório e interacional que elas trazem em seu DNA.

A partir da primeira década do novo século surgem novos estudos, especialmente entre os pesquisadores que incorporaram as práticas interacionais, de busca de informação e de autoexpressão através das plataformas da WEB 2.0. Nesse contexto emergem propostas de cultura participatória e da comunicação em rede que vão além da lógica de recepção e consumo massivo dos anos 80 e 90, com papéis fixos para emissor/receptor.

Inaugurando a polifonia dos conceitos de mediação, a partir dos anos 2000 encontra-se o trabalho instigante do professor da Telecom Paristech Christien Licoppe (2004), sociólogo e especializado em história e sociologia da ciência e da tecnologia, que apresenta o conceito de “*presença conectada*” como resultado da emergência de novo repertório para administrar as relações sociais numa sociedade inundada pela tecnologia digital, com destaque para o fluxo contínuo de comunicação principalmente via tecnologias móveis, como o celular, e-mail, SMS.

Outro trabalho que merece destaque é o do professor Roger Silverstone, que no período de 1991-1998 lecionou na University of Sussex - Inglaterra, e introduziu o conceito conhecido como “*teoria da domesticação*” (SILVERSTONE, 2006). Relaciona-se às formas com que as pessoas consomem e se apropriam dos conteúdos das mídias digitais em sua vida diária e suas práticas, e como essa apropriação

reconfigura o desenvolvimento futuro das próprias tecnologias digitais. Seu trabalho sempre em busca da interdisciplinaridade combina o respeito pela experiência humana no nível do indivíduo, ao mesmo tempo em que reconhece a conexão dialética entre o privado – a experiência doméstica, o tecido social e o mundo político. Silverstone considera a mídia digital tanto material como simbólica, e a domesticação como um processo contínuo envolvendo uma dupla articulação entre o público e o privado.

Paralelamente ao trabalho do inglês Silverstone, surge nos Estados Unidos da América outra proposta inovadora de conceituação apresentada por Henry Jenkins (2006). Como fundador e diretor do Programa de Estudos de Mídia Comparada do MIT, ele tem analisado a evolução das mídias há décadas, tanto as tecnologias de comunicação quanto a etiqueta social que as cerca, chamando a atenção para o hibridismo entre elas e introduzindo o conceito de narrativa transmídia para os conteúdos que transitam em todas as mídias, em diferentes segmentos e formatos. Em seu livro *Cultura da Convergência*, observa a emergência de três vetores: convergência dos meios de comunicação; cultura participativa e inteligência coletiva.

[...] A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana. Por haver mais informações sobre determinado assunto do que alguém possa guardar na cabeça, há um incentivo extra para que conversemos entre nós sobre a mídia que consumimos. Essas conversas geram um burburinho cada vez mais valorizado pelo mercado das mídias. O consumo tornou-se um processo coletivo – e é isso o que este livro entende por inteligência coletiva, expressão cunhada pelo ciberteórico francês Pierre Lévy.” (JENKINS, 2006, p. 28)

Sonia Livingstone (2008) é professora titular do Departamento de Media e Comunicação da London School of Economics. Ela dirige o projeto intitulado *Preparing for a Digital Future*, e em 2014

foi condecorada com o título de Officer of the Order of the British Empire (OBE) por suas pesquisas sobre crianças, segurança e Internet. Estuda os conceitos de mediação e termos similares em suas raízes etimológicas e históricas. A partir de uma perspectiva comparativa, crítica e contextualizada, seu trabalho de pesquisa busca respostas para, por que e como as diferentes condições de mediação estão reconfigurando as práticas da vida cotidiana, e as mudanças nas questões de identidade e direitos na comunicação.

Nicky Couldry (2007), também professor de Media, Comunicações e Teoria Social no Department of Media and Communications da London School of Economics, como sociólogo da mídia e da cultura ele se utiliza da perspectiva do poder simbólico das instituições midiáticas. Sua análise da mídia como “prática” tem sido muito utilizada em estudos nas áreas da comunicação, como da antropologia e da ética. Ele também comunga dos conceitos de transmídia, remidiatização, entre outros, e clama por novos termos para entender a intensificação da influência da mídia na vida contemporânea, em que os sujeitos buscam a conectividade num *continuum* ininterrupto principalmente através das mídias móveis – no Brasil, pelos *smartphones* ou celulares.

O CONTEMPORÂNEO CONECTADO E A RECONFIGURAÇÃO DA REALIDADE HUMANA: PITADAS DE FILOSOFIA DA INFORMAÇÃO

O filósofo alemão Arthur Schopenhauer disse certa vez: “A tarefa não é tanto ver o que ninguém viu ainda, mas pensar o que ninguém pensou sobre algo que todos vêem”.

Luciano Floridi, professor de Filosofia e Ética da Informação da Unesco Chair in Information and Computer Ethics na **University of Hertfordshire**, fellow do **St Cross College**, Oxford e Diretor de Pesquisa do Oxford Internet Institute –

Understanding Life Online – preconiza que vivemos a quarta revolução. A primeira foi impulsionada pelo pensamento de Nicolaus Copernicus (1473-1543), que deslocou a Terra do centro do universo. A segunda por Charles Darwin (1809-1882), que colocou o homem como uma das várias espécies descendentes do mesmo ancestral. A terceira por Sigmund Freud (1856-1939), que desvendou o inconsciente que impede a razão de ser inteiramente transparente. Com a quarta revolução, que pode ser representada por Alan Turing (1912-1954), o matemático britânico excepcional que decodificou mensagens encriptadas e considerado por muitos como o pai da computação moderna - mais uma vez algo muito relevante mudou na forma como o ser humano se entende no mundo. Passamos a nos perceber como seres informacionais interconectados.

Floridi considera que o ciclo de vida da informação tipicamente contempla as seguintes fases: ocorrência (descoberta, projeto, autoria, etc), transmissão (em rede, recuperação em diferentes dispositivos), processamento e organização (coleta, validação, modificação, organização, indexação, classificação, filtragem, atualização, etc) e utilização (monitoramento, modelagem, análise, explicação, planejamento, previsão, tomada de decisão, instrução, educação, aprendizagem, etc)... atualmente as sociedades mais avançadas dependem grandemente de informação em diferentes suportes, de bens intangíveis, de serviços intensivos de informação, sem mencionar os serviços de orientação ao público de caráter governamental (em especial, educação, saúde e administração pública)... assim das economias de todos os membros do G7, cerca de 70% do Produto Interno Bruto depende da informação como bens intangíveis. (FLORIDI, 2010, pág. 4)

Ainda para Floridi, na sociedade contemporânea conectada a comunicação não é importante por ser ciência, mas sim por ser interface. A preocupação da comunicação não deve ser ter corpo sólido como a física, mas se reconhecer como interdisciplinar e, portanto, importante para todas as outras ciências como interface. O desafio dos meios de comunicação é identificar como ser relevante numa economia

conectada em rede. E para tanto precisa aprofundar o estudo sobre a vida na infoesfera, sobre o paradoxo que é ao mesmo tempo a sociedade atual valorizar a privacidade e divulgar informações confidenciais por meio de redes sociais, a exemplo do Facebook.

O autor cunha o conceito de “*onlife*” para ressignificar nossa atividade diária: como compramos, trabalhamos, aprendemos, cuidamos da saúde, nos divertimos, conduzimos nossos relacionamentos, interagimos com as leis do direito, finanças e política; inclusive a forma como nos relacionamos com a guerra. Assim, em todos os aspectos da vida humana as tecnologias digitais tornaram-se forças ambientais que estão criando e transformando nossas realidades. O autor pergunta se estas tecnologias vão nos deixar mais poderosos ou, ao contrário, vão nos constrear? Ele argumenta que devemos expandir nossa abordagem ecológica e ética para cobrir tanto as realidades naturais e as artificialmente construídas, acrescentando um “e” em ambientalismo para lidar com sucesso com os novos desafios postos pela sociedade conectada.

Floridi acredita que o dualismo *on-line/off-line* tende a desaparecer e que novas formas de exclusão social podem surgir a reboque da sofisticação crescente da conectividade e hiperconectividade. O autor também contempla o dualismo analógico/digital e apresenta características diferenciadoras de ambos. Considera que o sistema analógico é mais rico em informação e que o digital diz respeito somente à informação, sendo que o resto da vida humana se dá no mundo analógico pois não se comerá *bits*, embora o digital possa reconfigurar a distribuição de alimentos em nível mundial. O digital pode agregar agilidade aos processos, ao passo que no analógico um ponto tem infinitas informações, podendo chegar ao nível quântico. Floridi também caracteriza e diferencia as lógicas utilizadas pelo sistema binário e outros tipos de lógica utilizados no sistema analógico. Argumenta que o sistema binário tenta emular o analógico promovendo a simplificação e consequentemente ocasionando a perda da riqueza da informação original.

Trata-se de um sistema discreto, ponto a ponto. Considera que se poderia usar lógica *fuzzy* mas os computadores regulares são programados a partir do código binário. Vai mais longe e também descarta a utilização da lógica paraconsistente que admite contradição porque os computadores normais ainda não aceitam contradição, ao passo que o cérebro humano não só aceita como é pura contradição.

Na esteira dos trabalhos sobre filosofia e ética da informação, Floridi liderou em 2012 um grupo de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento buscando respostas a questões a seguir arroladas, cuja dinâmica compreendeu diversos encontros presenciais e *on-line* que culminaram no projeto denominado The Onlife Manifesto.

- O que significa ser humano numa sociedade computacional?
- Como podemos experienciar liberdade e pluralidade numa realidade hiperconectada?
- A dicotomia público/privado ainda faz sentido?
- Como podemos entender e atribuir responsabilidades num mundo onde artefatos transformam-se em agentes?

O MANIFESTO ONLIFE: SENDO HUMANO NUMA ERA HIPERCONNECTADA

Para melhor entender as consequências da realidade hiperconectada que vivemos, um grupo de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, como antropologia, ciência da cognição, ciência da computação, engenharia, direito, neurociência, filosofia, ciência política, psicologia e sociologia empreenderam um exercício coletivo de pensamento, intitulado The Onlife Initiative. O grupo, coordenado por Luciano Floridi, publicou um documento intitulado *The Onlife Manifest*, em 8 de fevereiro de 2013, para contribuir com o debate acerca dos impactos da era da hiperconectividade nos espaços públicos, e nas expectativas da sociedade. Participantes do Manifesto: Stefana Broadbent, Nicole Dewandre, Charles Ess, Jean-Gabriel Ganascia, Mireille Hildebrandt, Yiannis

Laouris, Claire Lobet-Maris, Sarah Oates, Ugo Pagallo, Judith Simon, May Thorseth, e Peter-Paul Verbeek, tendo como chair Floridi.

No decorrer de 2012, os pesquisadores trabalharam num projeto intitulado **A Iniciativa Onlife: reengenharia conceitual para repensar protocolos da sociedade na transição digital**. Eles decidiram adotar o neologismo “*onlife*” cunhado por Floridi para se referir a experiência contemporânea de uma realidade hiperconectada, onde não faz mais sentido o dualismo *on-line/off-line*. Também graças a *workshop* organizados pela DG Connect, os pesquisadores do projeto puderam debater os impactos da tecnologia digital na vida humana com vistas à reengenharia de conceitos fundamentais, como atenção, propriedade, privacidade, e responsabilidade – que são essenciais para a experiência *onlife*. No decorrer das investigações e dos debates, nos demos conta de que seria importante divulgar os resultados iniciais num documento que ficou conhecido como *The Onlife Manifesto*, que foi complementado por reuniões subsequentes, recebeu comentários de pesquisadores externos e culminou com a publicação de um livro em 2013 para trazer as ideias a debate público.

O conteúdo do livro discute os principais aspectos da condição humana no contemporâneo hiperconectado, como:

- nosso conceito sobre nós mesmos (quem somos agora);
- nossas interações (como nós nos relacionamos com os outros);
- nossa concepção de realidade (metafísica);
- nossas interações com a realidade.

Os pesquisadores acreditam que os impactos da hiperconectividade espalham-se para além dos domínios da ética, do direito e da política, levando a quatro transformações macro:

- a não diferenciação de realidade *on-line/off-line*;
- a não diferenciação entre humanos, máquinas e natureza;

- a abundância de informação em lugar da escassez de informação anterior;
- a transição de artefatos estanques, por propriedade e relações binárias para a primazia de interações, processos e redes.

A EUROPA SE MOBILIZA EM TORNO DA MIL – MEDIA AND INFORMATION LITERACY

“A palavra humana é como um caldeirão rachado, no qual batemos melodias próprias para fazer dançar os ursos, quando desejaríamos enternecer as estrelas.”

(Gustave Flaubert)

As inquietações do The Onlife Manifesto também ecoam em organismos da Comissão Europeia e da Unesco em anos recentes, convergindo para a realização em 2014 do primeiro fórum europeu para elaborar políticas de inclusão da educação para a mídia no currículo europeu da educação básica. Além disso, pretende promover a expansão da literacia para a mídia para a educação não-formal e para a educação informal, incluindo comunidades carentes bem como pessoas com deficiências. O evento pretende inclusive criar plataformas internacionais de colaboração como o Capítulo Europeu da Global Alliance for Partners on Media and Information Literacy (GAPMIL) e o European Media and Film Literacy Observatory, entre outras.

A convergência de inquietações, abordagens e pesquisas sobre o contemporâneo hiperconectado apresentadas até agora neste pequeno estado da arte se enriquece com o resumo das discussões ocorridas no 1st European Media and Information Literacy Forum², ocorrido de 27 a 28 de maio de 2014 na sede da Unesco em Paris, organizado pela Comissão Europeia e pela Unesco e co-organizada pelo Projeto Emedus e o Gabinete de Comunicación y Educación da Universidade Aberta de Barcelona. O fórum reuniu representantes de governos, especialistas, autoridades do audiovisual, professores, profissionais de mídia, representantes da indústria, profissionais da informação, bibliotecários,

² Disponível em: <http://www.europeanmedialiteracyforum.org/2014/03/launch-of-first-european-media-literacy.html>.

pesquisadores e ONGs, entre outros, com o objetivo de promover ampla discussão na Europa sobre a importância de uma educação para a media literacy, além da sugestão de políticas e iniciativas em parcerias transnacionais sobre o tema.

Particpei deste fórum como representante brasileira e pesquisadora da USP com trabalhos publicados sobre o tema desde 2007. Minhas principais anotações sobre o evento indicam que os pesquisadores presentes e as instituições organizadoras reconhecem que as Media and Information Literacy (MIL) são centrais para o desenvolvimento e possuem profundo imbricamento com áreas como pesquisa, avaliação e educação. Os ambientes *on-line* e a mídia *on-line* são essenciais no ensino contemporâneo. Em seus preceitos é preciso, primeiramente, reconhecer que a tecnologia digital é transversal a todas as mídias. Em segundo lugar, é essencial a consciência de que as MIL não são autossustentáveis. E por último, as MIL são complementares.

“Novo mundo, novas literacias” foi a chamada principal da cerimônia de abertura. O novo mundo na era digital é composto por suas questões políticas, econômicas e culturais. Tanto os vendedores quanto os consumidores deverão ter acesso às novas literacias. É preciso, no entanto, definir como as pessoas se comportam nesse novo contexto de ambientes conectados. Mas antes, quais são os valores das novas literacias? Quais são os valores da informação e da mídia contemporâneas?

É importante ter uma política de mídia a fim de habilitar as crianças e os jovens a exercitar suas novas competências adquiridas. Para isso, é interessante inserir na grade curricular as disciplinas sobre as MIL, e torna-se necessário convencer o governo de que tal disciplina é essencial na formação do cidadão contemporâneo. Na cerimônia de abertura, foi colocado que igualdade, liberdade e fraternidade (princípios da república francesa) são também os principais pontos do fórum como um todo.

Não são brigadas políticas ou partidárias, e sim professores, educadores e pessoas que amam o ensino e cuidam dele. As mudanças são para o hoje e não para amanhã. Não é uma questão política, e sim humanitária. As literacias em mídia e informação são a fraternidade através da comunicação.

O fórum teve sua sede na Unesco em Paris, pois ela representa um espaço de valores e bondade universais. E esse é o objetivo das MIL: promover, universalmente, a importância das literacias em mídia e informação na educação. Esse é o novo contexto que devemos ensaiar para o futuro, pois não há barreiras para a comunicação. Relevante também é entender a informação, e mais importante é entender o contexto político e social imerso na comunicação em rede. As sessões plenárias foram enfáticas na necessidade de envolver pessoas na discussão da ciência. Para compreender a ciência, é preciso compreender a essência da vivência humana e seus processos de comunicação. A mídia é metamórfica, ela muda o tempo todo, e por isso é preciso apelar para sua essência. Ainda foi sublinhado que é interessante criar um novo paradigma das literacias de mídia e informação, com seus novos valores agregados. Porém, é preciso se conscientizar de que 42% das crianças no mundo estão fora da escola, e dentre essas 28 milhões encontram-se em áreas de conflito.

Para solucionar esse problema, precisaremos da mídia, da informação e do diálogo intercultural. Há um hiato, em que umas regiões são mais conectadas que outras. Por isso, mesmo na era digital, a TV continua um dos principais veículos de comunicação. É preciso ensinar e educar as pessoas a usar a informação, pois ela é a principal arma contra o analfabetismo e a pobreza. Só o diálogo intercultural pode reverter essa situação. Na sessão temática “MIL and Intercultural Dialogue” houve discussão com os representantes de nações como Egito, México, Estados Unidos da América, Qatar e Nigéria. Chegou-se à conclusão de que o termo literacia não é mais

definido como o processo de alfabetização. Ela deve ser considerada como novas competências adquiridas por diferentes tipos de pessoas em diversos contextos. O segredo não é ensinar às pessoas o que pensar, e sim como pensar.

Na sessão temática “Education, family and MIL”, observou-se que lidar com as MIL é lidar com a comunidade, com suas políticas e relações peculiares. A família é um nó importante dentro desse tema, pois as literacias implicam acesso à tecnologia, e esse acesso é diretamente proporcional aos riscos a que os atores em rede estão expostos, principalmente quando se trata de crianças. Em reunião com representantes da Espanha, da Armênia, da Grécia, da Finlândia, da Itália e da Holanda, foi possível ver que o diálogo entre pais, alunos e professores é a única solução para proteção dos riscos *on-line*. É oportuno, não só entender se há um diálogo e sim, compreender como ele se realiza. É preciso ir além da conversa, promovendo campanhas que conscientizem as partes envolvidas. Nas plenárias, destacou-se que para promover as MIL é preciso um currículo que contemple as novas literacias em mídia e informação; conscientização da existência de novas competências a serem desenvolvidas; um novo modelo de educação de hierarquia horizontal; e acessos específicos às mídias e tecnologias que promovem verdadeiramente as literacias.

Ressaltou-se que o maior desafio das MIL é trabalhar num sistema triplo: regulação, educação e política de desenvolvimento. A principal contribuição do fórum foi a Declaração de Políticas que a Unesco proveu durante o evento. Ela é necessária, pois articula os direitos de comunicação e dominação multicultural. É preciso rever conteúdos e prioridades no ambiente efêmero das mídias. As MIL não significam só educar a população para a mídia, mas também propor campanhas sustentáveis que possam ser replicadas ao redor do mundo num *continuum* que emule a complexidade contemporânea da hiperconectividade dos atores em rede.

REFERÊNCIAS

- COULDRY, N.; LIVINGSTONE, S. & MARKHAM, T. *Media consumption and public engagement: beyond the presumption of attention*. London: Palgrave Macmillan, 2007.
- DOURADO, F. *A centralidade da tecnologia no mundo contemporâneo*. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/derrick-de-kerckhove>. Acesso em: 12 dez. 2013.
- FLORIDI, L. *Information: a very short introduction*. London: Oxford University Press, 2010.
- _____. *The fourth revolution: how the infosphere is reshaping human reality*. London: Oxford University Press, 2014.
- _____. *The onlife manifesto: being human in a hyperconnected era*. London: Springer, 2013.
- JENKINS, H. *Convergence culture: where old and new media collide*. New York: New York University Press, 2006.
- JUNQUEIRA, A.H.; PASSARELLI, B.; BOTELHO, R.F. *Literacias digitais nas escolas públicas brasileiras: uma abordagem do papel do professor à luz dos resultados da Pesquisa TIC Educação 2010*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza. Anais... Fortaleza: Intercom, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-2163-1.pdf>
- KOZINETTS, R. V. *The Field Behind the Screen: using netnography for marketing research in online communities*. *Journal of Marketing Research*, v. 39, p.61-72, Fev. 2002. Disponível em: <http://www.nyu.edu/classes/bkg/methods/netnography.pdf> Acesso em: 15 out. 2011.
- LACEY, Kate. Home, work and everyday life: Roger Silverstone at Sussex. *International Journal of Communication*, n. 1, 2007, Feature 61-69. 1932-8036/2007FEA0061
- LICOPPE, C. “Connected’ presence: the emergence of a new repertoire for managing social relationships in a changing communication technoscape”. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 22, n. 1, p. 135-156, 2004.
- LIEVROUW, L.A. New Media, Mediation, and Communication Study. *Information, Communication & Society*, v.12, n.3, p. 303-325, 2009. DOI: 10.1080/13691180802660651. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/13691180802660651>
- _____.; LIVINGSTONE, Silvia. *New Media*. Los Angeles: SAGE Benchmarks in Communication Series, 2009. 4v., 1504 p.
- LIVINGSTONE, Sonia; BULGER, Monica E. A global research agenda for children’s rights in the digital age. *Journal of Children and Media*, v.8, n. 4, p. 317-335, 2014. ISSN 1748-2801

PASSARELLI, B. (Org.). *Juventude conectada*. São Paulo: Fundação Telefônica, 2014. Versão *ebook*. Disponível em: <http://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/08/juventude-conectada-online-1.pdf>

_____. Literacias emergentes nas redes sociais: estado da arte e pesquisa qualitativa no observatório da cultura digital. In: PASSARELLI, B.; AZEVEDO, J. (Org.) *Atores em rede: olhares luso-brasileiros*. São Paulo: SENAC, 2010.

_____. "School of the Future": Research Laboratory/USP; action research and emerging literacies studies in WEB 2.0 environments. *The Journal of Community Informatics*, v. 7, n. 2, 2011. Disponível em <http://ci-journal.net/index.php/ciej/article/view/646>.

_____.; ANGELUCCI, A. Interactive Generation Brazil Research: children and teenagers using computers, TV, games and mobile phones. In: JAMIL, George Leal; MALHEIRO, Armando; RIBEIRO, Fernanda. *Rethinking the conceptual base for new practical applications in information value and quality*. IGI Global, 2014. DOI:10.4018/978-1-4666-4562-2.

_____.; AZEVEDO, J. (Org.). *Atores em rede: olhares luso-brasileiros*. São Paulo: Editora SENAC, 2010.

_____.; BOTELHO, R. F. Literacias emergentes e educação: relato de uma experiência com a integração das TIC em escolas públicas de uma cidade da grande São Paulo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 36., Manaus, 2013. *Anais...* Manaus: Intercom, 2013. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0181-1.pdf>

_____.; JUNQUEIRA, A. H. *Gerações interativas no Brasil: crianças e adolescentes diante das telas*. São Paulo: Fundação Telefônica Brasil; Escola do Futuro/USP, 2012. 424p. Versão *ebook* acessível em <http://ccvap.futuro.usp.br>

_____.; SALLA, Thiago Míio; TAVERNARI, Mariana. Literacias emergentes dos atores em rede: etnografia virtual com idosos no Programa de Inclusão Digital AcesaSP. *Revista Prisma.com*, v.13, 2010. Disponível em <http://revistas.ua.pt/index.php/prisma.com/article/view/789>.

_____.; JUNQUEIRA, A.H.; ANGELUCI, A.C. Os nativos digitais no brasil e seus comportamentos diante das telas. *MATRIZES*, v.8, n.1, p. 159-178, 2014. Disponível em <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/issue/current/showToc>

_____.; _____.; BOTELHO-FRANCISCO, R. *Literacias digitais emergentes na web 2.0: uma abordagem da inclusão digital de idosos no Programa Acesa SP*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34, 2011, Recife. *Anais...* Recife, PE: Intercom, 2011.

_____.; SILVA, A. M. da; RAMOS, F. (Org.). *e-Infocomunicação: estratégias e aplicações*. São Paulo: Editora Senac, 2014.

SILVERSTONE, Roger. Domesticating Domestication. Reflections on the Life of a Concept. In: Berker, Thomas, et al, eds. *Domestication of Media and Technology*. Berkshire, UK: Open University Press, 2006, 229-248